

“QUANDO VOCÊ NASCE PRETO É COMO SE VOCÊ TIVESSE NASCIDO ERRADO, SABE?”: UMA ANÁLISE FANONIANA A RESPEITO DA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO

Thiago Batista Costa²²

Mônica Caldas Ehrenberg²³

RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender como as práticas político-pedagógicas de Educação Física do Instituto Federal de São Paulo – Campus Registro, no período pandêmico, afetaram a produção de sentidos e significados dos estudantes, no processo de ressignificação de suas identidades. Para isso, utilizaremos do referencial teórico de Frantz Fanon, a fim de ampliar as discussões a respeito dos efeitos do racismo e da colonização, na Educação Física e na sociedade brasileira, assim como, analisarmos os relatos dos estudantes afetados pelas práticas pedagógicas durante o ensino remoto. Concluímos que, a prática pedagógica contribuiu para expandir a cultura corporal dos estudantes nas questões relacionadas às ressignificações de suas identidades.

Palavras-chave: Corpo negro, identidade, Educação Física

ABSTRACT

The objective of this article is to understand how the political-pedagogical practices of Physical Education of the Instituto Federal de São Paulo - Campus Registro, in the pandemic period, affected the production of senses and meanings of students, in the process of resignifying their identities. For this, we will use Frantz Fanon's theoretical framework, in order to broaden the discussions about the effects of racism and colonization, in Physical Education and in Brazilian society, as well as analyze the reports of students affected by pedagogical practices during teaching. remote. We conclude that the pedagogical practice contributed to expand the students' body culture in issues related to the resignification of their identities.

Keywords: Black body, identity, Physical Education

INTRODUÇÃO

De onde partem as clarividências da Educação Física

A Educação Física, reconhecida como prática pedagógica na instituição escolar é emergente dos séculos XVIII e XIX e já foi bastante estudada e amplamente divulgada pela área sob o olhar da história, da saúde, entre outras áreas de conhecimento. Os estudos

²² Instituto Federal de São Paulo. Universidade de São Paulo (USP). <http://orcid.org/0000-0002-2349-4977>

²³ Universidade de São Paulo. <http://orcid.org/0000-0002-2445-1362>

e as pesquisas divulgadas nos indicam a forte influência que a Educação Física recebeu pela instituição militar no início do século XIX e pela medicina na segunda metade do mesmo século, uma vez que de acordo com Bracht (1999) “A instituição militar tinha a prática — exercícios sistematizados que foram ressignificados (no plano civil) pelo conhecimento médico” (p. 72-73).

Este período histórico caracterizou-se por grandes transformações sociais e econômicas que culminou com a determinação de uma nova classe dominante – a burguesia – e uma nova classe dominada – o proletariado. Foi nesse contexto que a escola moderna e a Educação Física nasceram e mantêm estrutura semelhante nos dias de hoje. Consolidada no século XIX, sua função social foi pensada para “construir” a sociedade crescente capitalista. Nela, precisava-se de identidades empreendedoras para liderá-la, e de identidades fortes e subservientes para aqueles que deveriam vender sua força-trabalho para a produção das riquezas (NUNES; RUBIO, 2008, p. 58).

Compreendemos que a Educação Física se consolida a partir de necessidades sociais reais e vai sendo ressignificado a depender do contexto histórico, temporal e espacial, dando origem ao que dela conhecemos atualmente. “A escola é um espaço socialmente determinado para socializar o patrimônio cultural historicamente acumulado. Estando a Educação Física inserida nesse espaço, ela deverá ter como função social proporcionar reflexão pedagógica acerca das formas de apresentação simbólica das realidades vividas pelo homem” (EHRENBERG, 2013, p. 2). Mas, nem sempre foi assim e a reflexão por muitos anos não ocorreu, tendo apenas a reprodução espaço garantido durante as práticas da Educação Física.

Ao longo dos tempos, muitos sentidos e diferentes significados permearam as práticas corporais e pudemos ir compreendendo as influências recebidas por diferentes instituições, bem como as reverberações dessas que foram se materializando nas ações corporais.

O corpo, bem como os exercícios físicos, valorizado pela Europa traz um entendimento de que cuida-lo significa cuidar de toda uma sociedade. O aspecto higiênico estabelecido por aquela sociedade ia desde lavar as mãos e escovar os dentes até realizar exercícios físicos, a fim de manter o corpo saudável, promovendo energia e força física, garantindo assim uma população empreendedora, ágil, que contribuía para ascensão e riqueza de toda uma sociedade.

Os aspectos da saúde, atrelados à virilidade, podem ser reconhecidos como importante aspecto responsável pela ressignificação de uma perspectiva nacionalista/patriótica. As práticas pedagógicas da Educação Física foram sistematizadas com o claro objetivo de corresponder aos interesses da classe hegemônica. O grupo social que detinha o poder intelectual, político e moral, determinava os percursos das atividades escolares, a fim de fortalecer e consolidar o *status quo*, pautados pelo higienismo e também pelo eugenismo.

No período seguinte à Segunda Guerra, o Brasil experimentou uma rápida aceleração do desenvolvimento industrial e um efervescente processo de urbanização dos grandes centros. O ensino técnico e profissionalizante passa a ser enaltecido e a “Educação Física cabia corporificar as identidades projetadas – os eficientes” (NUNES, RUBIO, 2008, p. 61).

No contexto da substituição da mão de obra escrava pelo trabalho livre, o lugar da educação no Brasil republicano era central, pois ao pensamento da época, a ordem e o progresso liberal apenas seriam alcançados a partir de uma mudança moral e comportamental, que adequassem a população a um novo papel: o de cidadão trabalhador. Nesse sentido, a Educação Física, decorrente do liberalismo e do positivismo, deles observou a preferência pelas leis, hierarquia e disciplina. Do liberalismo, ela se apropriou de suas “regras” usando da ideologia dos esportes modernos, dando-lhe aparência de serem “universais”, sendo assim, com o seu próprio esforço a pessoa poderia ganhar tanto no esporte quanto na vida. Do positivismo, absorveu a concepção do homem puramente biológico e orgânico (SOARES, 2007)

Assim sendo, entendemos que a Educação Física fez parte de um projeto burguês de civilidade esboçada para o Brasil, idealizada e realizada pelos médicos higienistas, com base nos fundamentos das ciências biológicas. Com um foco sempre nas crianças, à exigência da sua obrigatoriedade desde os primeiros anos de escolarização, desejando que os alunos fossem capazes de gerar saúde em si mesmos, com a prática de exercícios físicos, disciplinar os gestos desde cedo e, em nome da saúde, introduzir no ideário da sociedade o pensamento de que o futuro na nação dependia da disciplina física individual (COSTA, 2017).

Em vista disso, assim como Soares (2001) entendemos que, “Com sua materialidade, o corpo educado pela matéria da qual é feito o mundo, circunscreve um retrato da sociedade, revelando assim, como espaço que é, toda a imposição de limites

sociais e psicológicos que são dados a sua conduta” (p. 113). Deste modo, a construção histórica da Educação Física no Brasil, evidencia que os métodos francês e sueco de ginástica difundidos no país, foram eficazes para os ideais de corpo mecânico e disciplinado, juntamente com a esportivização, que abraçava a ideia de superioridade branca, apoiada na imagem helênica corporal mitologicamente ambicionada. Em síntese, podemos observar que a história da Educação Física nunca esteve próxima do corpo negro, pelo contrário, buscou na imagem corporal dos gregos, a idealização do corpo perfeito, ou seja, um corpo branco.

COLONIALISMO, RACISMO E O CORPO NEGRO

Franz Fanon, um médico, poeta, ensaísta marxista e antes de tudo um homem negro revolucionário, nasceu em Martinica no ano de 1925. Aos 19 anos alistou-se como voluntário nas forças armadas de De Gaulle, para defender a França na Segunda Guerra europeia, onde recebeu menção honrosa por bravura depois de se ferir. Por conta dessa menção honrosa conseguiu uma bolsa para estudar medicina em Lyon, dando início na sua trajetória intelectual. Em seu doutorado, Fanon escreve um texto cujo o eixo central está na epidermização do racismo e seus efeitos na subjetividade da pessoa negra. Seu texto foi rejeitado pelos membros da comissão julgadora da academia francesa, que preferiam uma abordagem “positivista” no estudo da psiquiatria, exigindo mais bases físicas para os fenômenos psicológicos” (GORDON, 2008, p.13). O texto em questão é uma das obras mais importantes de sua trajetória *Pele Negra, Máscaras Brancas*, e servirá de referencial para nossa breve discussão a respeito da zona do não ser e as máscaras brancas presente na dinâmica social da pessoa negra (FANON, 2008).

Durante sua infância em Martinica, Fanon, umas das poucas crianças privilegiadas que conseguiam acessar a educação, sofreu um doloroso processo de racialização, pois o desejo de se tornar europeu, portanto humano, era regra nas Antilhas. Nesse sistema assimilacionista de educação, em todos os momentos os valores europeus eram exaltados. Se o estudante cumprisse rigorosamente todos os protocolos de exaltação da cultura europeia, estava apto a ingressar em uma sociedade “evoluída”, pelo menos era essa a promessa dos colonizadores, como explica Fanon:

Nas Antilhas, o jovem negro que, na escola, não para de repetir “nossos pais, os gauleses”, identifica-se com o explorador, com o civilizador, com o branco que traz a verdade aos selvagens, uma verdade toda branca. Há identificação, isto é o jovem negro adota subjetivamente uma atitude de branco. Ele carrega o herói, que é branco, com toda sua agressividade – a qual, nessa idade, assemelha-se estreitamente a uma dádiva: uma dádiva carregada de sadismo [...]. Pouco a pouco se forma e se cristaliza no jovem antilhano uma atitude, um hábito de pensar e perceber, que são essencialmente brancos. Quando, na escola, acontece-lhe ler histórias de selvagens nas obras dos brancos, ele logo pensa nos senegaleses. Quando éramos estudantes, discutíamos durante horas inteiras sobre os supostos costumes dos selvagens senegaleses. Havia, em nossos discursos, uma inconsistência pelo menos paradoxal. Mas é que o antilhano não se considera negro; ele se considera antilhano. O preto vive na África. Subjetivamente, intelectualmente, o antilhano se comporta como um branco (FANON, 2008, p. 132).

Nesse sentido, a linguagem se torna uma arma poderosa nas mãos dos colonizadores que pois poderiam inculcar no ideário social uma ideologia de classificação dos nativos e, quanto maior fosse o domínio da língua francesa, mais humano (branco/europeu/ocidental) o negro colonizado seria. Assim, a escola se tornou um poderoso aliado na disseminação da classificação do ser humano antilhano. Vale destacar que, as particularidades dos processos históricos e sociais devem ser entendidas a partir de uma análise da realidade específica em que ela se dá. Entretanto, a particularização desses mesmos processos, por outro lado, só pode ser entendida em toda sua amplitude, no momento em que consideramos a parte também em um todo universal. Desta maneira, a assimilação imposta ao jovem negro antilhano através do sistema escolar não deixa de se aproximar, e muito, do impacto da racialização sofrido pelo estudante negro brasileiro ao ingressar na escola.

A construção da identidade negra é atravessada por um processo doloroso de alienação cultural, conforme a antropóloga Nilma Lino Gomes (2003) destaca que a cultura negra só pode ser entendida na relação com outras culturas existentes, e nessa relação segundo a autora, não existe uma pureza. “Antes, existe um processo contínuo de troca bilateral, de mudança, de criação e recriação, de significação e ressignificação” (GOMES, 2003, p. 79). Nesse contexto, a identidade construída pelo negro se constituirá não só em oposição ao branco, mas, também, pelo conflito, negociação e diálogo. Nessa esteira de pensamento, Nogueira (1998) nos ensina que, o negro e o branco se constituem como extremos, unidades de representação que correspondem ao distante, objeto de um gesto de afastamento, e ao próximo, objeto de um gesto de adesão:

Dessa forma, a rede de significações atribuiu ao corpo negro a significância daquilo que é indesejável, inaceitável, por contraste com o corpo branco, parâmetro do auto representação dos indivíduos. Como diz Rodrigues, a cultura necessita do negativo, do recusado, para poder instaurar, positivamente, o desejável. Tal processo inscreve os negros num paradigma de inferioridade em relação aos brancos. O indivíduo branco pode se reconhecer em um “*nós*” em relação ao significante “corpo branco” e, conseqüentemente, se identificar imaginariamente com os atributos morais e intelectuais que tal aparência expressa, na linguagem da cultura, e que representam aquilo que é investido das excelências do sagrado (1998, p. 44).

É justamente dentro desse contexto brutal de alienação que a pessoa negra sofre dentro da linguagem do colonizador, seja em suas relações sociais dentro ou fora da escola, que Fanon estabelece dois temas centrais em sua obra - *Pele negra, máscaras brancas*. O primeiro, é que não é possível pensar o indivíduo sem levar em consideração o contexto, porém o indivíduo não se resume ao contexto. O segundo ponto, é a relação dialética entre as questões econômicas e sociais, e as questões subjetivas de construção de identidades. “De uma vez por todas, a realidade exige uma compreensão total. No plano objetivo como no plano subjetivo” (2008, p. 28).

De uma forma sofisticada, o autor traz a questão da subjetividade para o centro do debate econômico. Para ele, a alienação do colonizado não se dá apenas nas questões de território ou econômicas, para ser efetiva, a colonização precisa forjar na mente, na subjetividade do colonizado, uma ideia de inferioridade em relação ao colonizador.

O colonialismo irá atuar como um efeito psíquico na situação colonial que o indivíduo negro se encontra devido a estruturação da sociedade e que será utilizada como exploração capitalista, marcando a forma como a sociedade moderna está constituída, na qual os brancos (colonizadores) e os negros (colonizados) negam, de maneiras diferentes, a existência e humanidade do negro. Em vista disso, Faustino ressalta que “a criação e racialização do Outro retiram do colonizado a possibilidade de ser visto (e, conseqüentemente, de se ver) como uma expressão universo do gênero humano” (2013, p. 2020). Para o autor o colonialismo “inventou” o homem negro, tirando-lhe a oportunidade de conhecer-se a si mesmo tão somente como humano.

Para Fanon, sem reconhecimento é impossível expandir para a consciência universal, e a colonização fechou a possibilidade do circuito de reconhecimento, a reciprocidade é interdita pela racialização colonial e o colonizado fixado na condição de objeto fica impedindo de ter uma relação intersubjetiva. Nesse sentido, o negro, ao

encontrar o circuito fechado, busca na experiência do desejo, a possibilidade de ser conduzido à dignidade do espírito, ou seja, “ele aceita arriscar a própria vida e conseqüentemente ameaça o outro na sua presença corporal” (2008, p. 181). É na luta, na busca pelo reconhecimento, que o negro almeja se afastar de sua condição inicial dentro dessa relação, a de coisidade. Ademais, tal interdição não se apresenta apenas na objetificação do Outro, o problema é que durante toda a relação humana, atravessada pelo racialização colonial o homem branco europeu não poupou esforços para definir o que seria ser humano.

Nesse sentido, é como se durante toda sua existência a pessoa negra vivenciasse o conturbado processo de perder e recuperar a sensação de ter um corpo, de sentir-se humano. Isso ocorre, devido ao temor da pessoa de se distanciar da forma humana, transformando-se segundo Fanon (2008) em coisa, ou até mesmo em um animal ou algo inominável. Assim, na tentativa de parecer cada vez mais com o Outro branco, a pessoa negra utilizara de todos os recursos para mudar sua aparência, das roupas ao modo de falar, tudo vai sendo modificado, atacando até mesmo suas características físicas, como mudança do cabelo e outros procedimentos estéticos, como diminuir o nariz e lábios.

Sobre esse processo de despersonalização do sujeito, e a vivência entre perder e recuperar a sensação de ter um corpo que constantemente sufocam o negro, Fanon ressalta que os limites da ontologia não permitem compreender o ser negro, “Pois o negro não tem de ser negro, mas sê-lo diante do branco” (FANON, 2008, p. 103). Com isso, sistematicamente terá que, nas relações com o Outro branco, lançar mão das suas máscaras brancas.

Trazendo essa discussão para o campo da educação, encontramos em Gomes (2002) uma importante contribuição do entendimento no impacto que a cultura escolar tem no processo de construção de identidade, pois nas relações que desenvolvemos na escola aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes, mas valores crenças, preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade. “Lamentavelmente, nem sempre damos a essas dimensões simbólicas a devida atenção dentro do ambiente escolar” (2002, p. 40).

Em sua pesquisa sobre corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte (GOMES, 2002), para realização do doutorado, a autora constatou que a trajetória escolar aparece em todos os depoimentos como um importante momento de construção de identidade negra, e lamentavelmente,

p. 107

reforçando estereótipos e representações negativas sobre o segmento do negro e sua estética. Levando por muitas vezes, os estudantes negros dentro do contexto escolar lançar mão das máscaras brancas para serem aceitos e até passarem despercebidos no cotidiano escolar.

Nessa esteira de pensamento, Munanga (2009) nos alerta para o fato de que, quando um estudante negro na sua tomada de consciência das diferenças entre “ele” e os “outros” não enxerga esta como algo de mais rico que há na humanidade, mas sim como um fator de desigualdade, onde suas características estão sempre inferiorizadas em relação às outras, desaparece todo o contexto, sua história de vida, suas emoções e sofrimentos, suas potencialidades, seus sonhos, seus desejos, desaparece tudo, para restar apenas um negro. Uma pessoa reduzida à tonalidade de sua pele.

Deste modo, sublinhamos o importante papel que Educação Física dentro de uma concepção crítica do currículo exerce no processo de ressignificação das questões corporais, históricas e culturais, pois como nos ensina Munanga (2009) quando discute construção de identidade negra, o impacto simbólico se dá em primeiro lugar no corpo “a alienação do negro tem se realizado pela interiorização de seu corpo antes de atingir a mente, o espírito, a história e a cultura” (2009, p. 17).

Acreditamos que a breve discussão apresentada nesta sessão, poderá nos ajudar a compreender os efeitos que uma prática pedagógica crítica de Educação Física exerce na construção dos sentidos e significados dos estudantes negros no processo de construção de suas identidades, mesmo em tempos de ensino remoto.

CAMINHOS METODOLÓGICOS: CONTEXTUALIZANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA

A prática pedagógica aqui relatada foi realizada com as turmas dos 1º anos do Ensino Técnico em Mecatrônica, Edificações e Logística, integrados ao Ensino Médio, no 3º bimestre de 2021 no Instituto Federal de São Paulo – Campus Registro.

Por conta da Pandemia do coronavírus (COVID-19) o ensino precisou ser realizado de forma remota, e desde o mês de agosto de 2020 docentes e estudantes precisaram se adequar à essa nova realidade. Os desafios foram muitos, mas comprometidos com uma educação pública de qualidade, o corpo docente da instituição

não poupou esforços para encontrar possibilidades de realizar um ensino significativo para os estudantes. Dessa forma, os planos de ensino passaram a ser realizados em ciclos de aprendizagem divididos por semanas (A, B, C), sendo que cada disciplina realizava sua prática no ciclo A ou B, deixando a semana C para as realizações de atividades e atendimento aos estudantes. Vale destacar que essa estratégia foi necessária, pois os cursos são em período integral e as turmas chegam a ter 20 disciplinas por ano, entre o núcleo Técnico e o núcleo da Educação Básica.

Por conta dessa excepcionalidade do ensino remoto²⁴, o plano de ensino do componente curricular de Educação Física foi pensado exclusivamente de modo teórico/conceitual, visando um contexto crítico-reflexivo. Para isso, lançamos mão de uma metodologia mais acessível e possível para os discentes. O principal recurso utilizado, foi o Moodle (Plataforma online para aprendizado à distância), onde foram apresentados os temas em forma de textos, imagens e vídeos. Utilizamos também o Google Meet para os encontros síncronos on-line.

A tematização do 3º bimestre teve como objetivo problematizar o universo de produção de padrões de saúde, beleza e estética corporal e o modo como afetam a educação dos corpos dentro de uma relação de poder de raça, etnia e gênero. Outro objetivo foi de relacionar a temática à Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008, para que os estudantes pudessem compreender a cultura como campo de intervenção política, confronto e lutas por significado, enredada por relações sociais; interpretando a realidade que os cerca, considerando os discursos em disputa que se apresentam como verdade e formando identidades.

Ao longo de 10 semanas foram realizados quatro encontros síncronos pela plataforma Google Meet, onde aprofundamos as discussões sobre os temas referentes ao corpo. Para subsidiar os debates em aula, compartilhamos na plataforma Moodle três textos a respeito das questões dos corpos na sociedade.

Para o primeiro encontro síncrono foi proposto que os estudantes lessem um artigo que discute a emergência da cultura do fitness na contemporaneidade como um espaço discursivo que se espraia, produzindo certa memória social (SCHWENGBER; BRACHTVOGEL; CARVALHO, 2018). Já no segundo encontro sugerimos a leitura de

²⁴ As aulas remotas só iniciaram após todos os estudantes terem acesso à internet e um computador. Por meio de edital a instituição emprestou computadores para aqueles que não tinham e disponibilizou um auxílio para internet.

um artigo que discute as interpretações sobre saúde, adoecimento e beleza engendradas nos processos de transformação do corpo vivenciados por pessoas Trans (ROCON, et al., 2017). Nos dois últimos encontros do bimestre, orientamos os estudantes a realizarem a leitura do artigo “Corpo negro – Mdiatizações e performances de raça” (PAULA, 2012), um texto que tem como eixo central a discussão dos conceitos do corpo e a noção de beleza, sendo o corpo entendido como construção sociocultural. Também é central nesse artigo os debates emergentes sobre os usos que as negritudes fazem de seus cabelos, além da noção de performance que possibilita pensar o cabelo como prática social e, conseqüentemente, como local de transgressões e produções de novas rotas racializadas, nas e pelas quais as negritudes constroem “subpolíticas” identitárias. Para além dos artigos propostos, foram gravados alguns vídeos curtos para contextualizar cada texto compartilhado na plataforma Moodle, e os estudantes foram orientados e estimulados a pesquisar os temas em outras fontes também.

Sublinhamos que durante os encontros realizamos leitura conjunta com os estudantes, no sentido de discutir alguns pontos centrais dos textos, assim como, refletir, debater, aprofundar e ampliar os conhecimentos relacionados a temática em voga, com a perspectiva de ampliar a leitura de mundo dos jovens. Como produção final dessa tematização, os estudantes, em grupos ou de forma individual organizaram e sistematizaram suas pesquisas. Foi sugerido que a organização desse registro final pudesse ser feita das mais variadas formas possibilitando que variadas formas de linguagem pudessem ser exploradas, tais como; curta metragem, desenhos, poemas, depoimentos, produção de texto escrito, paródias entre outras possibilidades.

Neste momento, com a intencionalidade de fomentar o debate sobre como as práticas pedagógicas da Educação Física afetam a produção de sentidos e significados dos estudantes no processo de ressignificação de suas identidades, e na esperança de construir uma sociedade que respeite e valorize as identidades e diferenças dos sujeitos, analisaremos alguns trechos dos registros produzidos pelos estudantes²⁵.

OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS ENCONTRADOS: COLORINDO A BRANQUITUDE ESCOLARIZADA

²⁵ Todos os registros compartilhados nesse artigo, foram previamente autorizados pelos estudantes. E utilizaremos nomes fictícios para preservar as identidades dos mesmos.

Em primeiro lugar, gostaríamos de deixar evidente de que lugar parte nossa análise. Compreendemos a Educação Física no campo da linguagem. Atravessando a barreira histórica imposta pela área das Ciências Biológicas, ela passa a ter um entendimento mais amplo sobre o corpo e as práticas corporais. Na relação dialética entre Educação Física e linguagem, o corpo não fica restrito a uma análise biológica, é visto como um texto a ser lido e interpretado, pois é nele que os sujeitos transparecem sua cultura, suas histórias e crenças, sendo pelo corpo que se constrói a identidade. Desta maneira, a linguagem não pode ser compreendida sem que levemos em consideração a compreensão de cultura, pois ela interfere diretamente na compreensão de mundo e nas formas que os sujeitos se relacionam.

A comunicação corporal pela gestualidade identifica a motricidade humana como resultado da interação sujeito-cultura. Dessa forma, concebemos as manifestações da gestualidade como resultantes da produção cultural, desde as ações e posturas mais corriqueiras e cotidianas, até as práticas corporais – brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas, entre outras, tomadas como formas de veiculação de sentimentos e valores dos grupos sociais que as produzem e reproduzem (EHRENBERG; MIRANDA; CARBINATTO, 2022, p. 132-133).

Para os Estudos Culturais, a cultura é um campo de luta em torno da significação social, ela é um campo de produção de significados em que diferentes grupos sociais, em posições de poder distintas, batalham pela imposição de seus significados a sociedade mais ampla. Deste modo, a cultura é compreendida como um campo contestado de significação (HALL, 1997). E nessa batalha, a questão central está em torno de quem consegue definir a identidade cultural e social dos diferentes grupos. “Sinteticamente, poder-se-ia dizer que os Estudos Culturais estão preocupados com questões que situam a conexão entre cultura, significação, identidade e poder” (NEIRA; NUNES, 2006, p. 42). Assim, cultura deixa de ser compreendida como universal, ou apenas como acumulação e transmissão de saberes e passa a ser entendida dentro de uma perspectiva de grande alcance e influencia na formação dos sujeitos em todos os seus aspectos de sua vida, em outras palavras, ela está no centro.

Quando observamos a forma como o Brasil tratou a população negra ao longo de sua história, vamos perceber que os discursos que predominavam e de certa forma ainda estão presentes sobre as questões relacionadas a cultura africana e afro-brasileira, foram,

p. 111

e são, sempre na intenção de diminuí-la, ridicularizá-la e até mesmo apagá-la. A cultura afro-brasileira esteve sempre à margem, tendo a todo momento que ressignificar seus significados a sociedade mais ampla. Quando o assunto é o corpo, a situação se agrava ainda mais, pois o ideário brasileiro está totalmente construído e naturalizado na inferioridade do negro, onde seu corpo, a cor de sua pele, os tipos de cabelo são vistos como ofensa.

Como imaginar que um estudante negro, imerso em uma sociedade monocultural em que os discursos hegemônicos estão sempre valorizando e exaltando outras culturas que não a sua, construa uma identidade positiva? É um desafio se assumir negro e aceitar que a geografia do seu corpo é tão bonita quanto as das pessoas não negras. E esse ataque sistemático no campo da cultura faz com que seja doloroso esse processo de ressignificação de suas identidades, como podemos observar em um trecho da entrevista realizada por um grupo dos estudantes.

Pergunta: Você se considera uma pessoa fora do padrão? Daniel: Me considero sim.

Pergunta: O que você considera no seu corpo que está fora do padrão que a sociedade impõe?

Daniel: Cara pra ser bem sincero mesmo, até quase ignorante, a minha cor de pele, meu cabelo e meu nariz, obviamente (Entrevista Daniel, 2021).

A inferioridade naturalizada através dos discursos e práticas sociais fazem com que as pessoas negras se sintam inferiorizadas em relação as não-negras. Esse doloroso processo de tomada de consciência de negritude, ou seja, de uma auto percepção de como o homem é coagido a se auto perceber como homem negro, através da inferiorização é entendido por Fanon da seguinte forma. “Mesmo expondo-me ao ressentimento dos meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem” (FANON, 2008, p. 26):

Há uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer. A maioria dos negros não desfruta do benefício de realizar essa descida aos verdadeiros Infernos (FANON 2008, p. 26).

Para Fanon (2008), o negro é “um homem negro”; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo onde será

preciso retirá-lo. O autor afirma que no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de sua corporalidade. Fanon diz que, ao viver essa experiência a pessoa negra é atacada em vários pontos e desmorona, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial. Aprisionado pela cor de sua pele e como objetificação, é tornado coisa. E esse doloroso processo faz com que o indivíduo queira se afastar dele mesmo. Como observamos no Depoimento da estudante Daniele:

Já, já tentei me embranquecer sim, é porque assim, quando você nasce preto é como se você tivesse nascido errado, sabe? A impressão que você tem é que você nasceu errado. Tinha uma outra forma pra você ter nascido e você nasceu errado, então você merece ser punido por isso[...]

[...] Quando eu entrei na escola estadual, eu entrei na quinta série eu ainda usava trancinhas que minha mãe fazia em mim, e ninguém usava aquilo, eu entrei e comecei a sofrer muito bullying por aquilo, pelo jeito do meu cabelo e tal, e aí eu me senti mal e falei pra minha mãe soltar meu cabelo (Depoimento Daniela, 2021).

Para Fanon (2008), o negro não encontra o Outro, ao invés disso, se depara com a indiferença, uma indiferença angustiante, pois ao mesmo tempo que não percebe o Outro como ser humano, o branco o aprisiona com o olhar. Não há reciprocidade. Só lhe resta então, explodir, ou negociar sua existência com o mundo branco.

Aí eu relaxei meu cabelo, quando eu relaxei meu cabelo e fui pra escola com o cabelo relaxado, eu sofri bullying mas não tanto quanto eu sofria antes, aí eu pensei, ok estou me adequando aos padrões, que bom[...]

[...]Só que ainda estava ruim para desembaraçar ele e eu ainda sofria um pouquinho de bullying, eu pensei, vou pegar o meu cabelo e vou alisar. Aí eu falei pra minha mãe que eu queira alisar, aí ela me levou mesmo na cabelereira e eu deixei meu cabelo super lisinho. Aí eu fui super aceita por todo mundo foi meu deus, era como se eu tivesse renascido (Depoimento Daniela, 2021).

Como vimos na primeira sessão deste texto, na tentativa de parecer cada vez mais com o Outro branco, a pessoa negra utilizara de todos os recursos para mudar sua aparência, das roupas ao modo de falar, tudo vai sendo modificado, atacando até mesmo suas características físicas, como mudança do cabelo e outros procedimentos estéticos, como diminuir o nariz e lábios, exatamente como ocorreu com a estudante Daniela.

Ao se deparar com o racismo, o negro introjeta um complexo de inferioridade e inicia um processo de auto ilusão, buscando falar, pensar e agir como branco. Nesse momento para Fanon, o negro entra numa zona do não ser uma região extraordinariamente estéril e árida, habitada pelo negro. O olhar imperial do branco o fixou nesta zona.

O maniqueísmo do racismo apresentado por Fanon, espalha seus tentáculos por todas as relações sociais. Dessa forma, a rede de significações atribuiu ao corpo negro a significância daquilo que é indesejável, inaceitável, por contraste com o corpo branco, parâmetro da universalização do ser humano.

E esse processo de universalização do branco e sua cultura é realizado através da linguagem, não somente a língua enquanto mero instrumento de comunicação, senão a uma instituição social permeada pelos valores de uma cultura. Assim, o negro é aquele que traz a marca do corpo negro preso às malhas da cultura, trava uma luta infinda na tentativa de se configurar como indivíduo no reconhecimento de um “nós” (SOUZA; COSTA; EHRENBURG, 2021).

Aproximando dessas reflexões, Amílcar Cabral (1995) entende o valor da cultura como elemento de resistência ao domínio imperialista, pois entende a cultura como fruto da história de um povo, onde, determina positiva ou negativamente na realidade material, e das evoluções das relações entre o povo oprimido e o opressor. Ademais, se por um lado, a história permite que conheçamos as relações conflituosas e de desequilíbrio, nos fatores sociais, econômico e políticos, a cultura, por outro lado, nos possibilita compreender de que forma a colonização aprisionou nossas mentes, para assim buscarmos libertação, uma emancipação cultural (CABRAL, 1995).

E é justamente nesse lugar de contestação da cultura hegemônica que a educação crítica atua como possibilidade de uma libertação cultural. Os debates e reflexões presentes nas aulas de Educação Física puderam de alguma forma proporcionar para os estudantes uma visão mais crítica a respeito das intencionalidades desses discursos racistas e preconceituosos, dando a possibilidade de ressignificação dos sentidos e significados dos seus corpos dentro de nossa cultura.

Nesse sentido gostaríamos de compartilhar um poema do estudante Douglas, que após as reflexões em aula conseguiu produzi-lo, no caminho da libertação de sua mente, como nos ensinou Amílcar Cabral (1995).

Todos nós merecemos viver a liberdade, será que é necessário lutar por igualdade? Somos todos iguais da mesma qualidade. Tudo começa pelo respeito, mais amor no peito e menos preconceito. Eu mesmo já me olhei no espelho e pedi um corpo padronizado, pois meu pensamento se encontrava limitado. Mas chegou um momento que eu resolvi mudar, buscando um meio de ser feliz e me aceitar. Afinal de contas, não existe um conceito de beleza absoluto e universal pois o corpo humano é multidimensional e esteticamente plural. Além do mais, que graça teria se fossemos todos iguais, viva a diversidade poxa, somos seres racionais (Poema Douglas, 2021).

Assim sendo, gostaríamos de finalizar esta sessão sublinhando a importância de se romper com o silêncio que constitui as relações étnico-raciais dentro do contexto escolar. É fundamental que o debate ocorra nas diversas áreas do conhecimento para possibilitar as manifestações, percepções de opiniões, dúvidas e até mesmo angústias dentro desse processo de ressignificação da cultura e história da população negra brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pôde notar, a experiência vivida constituiu-se em momentos de debates, reflexões e ressignificações das identidades, pois, ao discutirem os temas referentes as questões dos corpos, os estudantes puderam ampliar seus conhecimentos, e construir outras possibilidades de visões de mundo sobre os seus, e os Outros corpos.

Esse fato converge para as reflexões de Munanga (2009), para quem, a recuperação da identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, intelectuais e psicológicos, pois na visão do autor, o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade.

Com isso, acreditamos que essa prática pedagógica, sem descaracterizar o componente curricular, contribuiu para expandir a cultura corporal dos estudantes na perspectiva de uma Educação Física crítica.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedex**, Campinas/SP, nº 48, agosto/1999.

- CABRAL, AMÍLCAR. **Obras Escolhidas de Amílcar Cabral: A Arma da teoria. Unidade e Luta.** Vol. 1, textos coordenados por Mário de Andrade, Lisboa, Comité Executivo da Luta do PAIGC e Seara Nova, 1995, pp. 221-233.
- COSTA, Thiago Batista. **Jogo consciente: a percepção de professores de Educação Física acerca do corpo da criança negra e o processo de construção identitária.** Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2017.
- EHRENBERG, Mônica Caldas. A prática docente da educação física junto ao segmento da educação infantil: constatações e sugestões. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** São Paulo, 2013 Nov;27 Supl. 7.
- EHRENBERG, Mônica Caldas; MIRANDA, Rita de C. Fernandes, CARBINATTO, Michele Viviene. Nos entrelugares das práticas corporais. In: VIEIRA, Rubens Antonio Gurgel (Organizador). **Desafios pandêmicos: a educação física frente à crise.** Belém: RFB, 2022, p.131-148.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. “A emoção é negra e a razão é helênica? Considerações fanonianas sobre a (des) universalização do ser negro”. In: Revista Tecnologia e Sociedade (Online), v. 1, 2013a, p.121-136.
- GORDON, Lewis R. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.
- HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo.** Educação e realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 02, p.15-46, jul. /dez. 1997.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas.** São Paulo: Phorte, 2006.
- NUNES, Mario Luiz Ferrari e RUBIO, Katia. O (s) Currículo (s) da Educação Física e a construção da identidade. **Currículo sem Fronteiras**, v.8, n.2, jul. /dez 2008, p.55-77.
- PAULA, Rogéria Costa. **Corpo negro – Mdiatizações e performances de raça.** III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS), 2012.
- ROCON, Pablo Cardozo, et al. **(Trans.) formações corporais: reflexões sobre saúde e beleza.** Saúde Soc. São Paulo, v.26, n.2, p.521-532, 2017.
- SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. **Corpo e história.** Campinas: Autores Associados (2001): 109-129.

SORAES, Carmen Lúcia. **Educação Física: Raízes europeias**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SOUZA, Claudio A. COSTA, Thiago B. HERENBERG, Mônica. **Educação Física Decolonial: Análise, desafios e perspectivas em Paulo Freire e Franz Fanon**. Educação. Santa Maria. v. 46 |2021

SCHWENGBER, Maria Simone, BRACHTVOGEL, Caterine de Moura, CARVALHO, Rodrigo Saballa. **Espraçamento discursivo da cultura do fitness na contemporaneidade**. Movimento, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1167-1178, out. /Dez. 2018.